

**“DEFENDENDO O CONSELHEIRO”: A IMAGEM DO LÍDER
CONSELHEIRISTA ERIGIDA NOS CORDÉIS DO ESCRITOR EUCLIDENSE
JOSÉ ARAS¹**

Ilza Carla Reis de Oliveira²

RESUMO: Este artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa de Mestrado em Estudos Linguísticos (UEFS), de cunho bibliográfico e documental, concluída em 2018, tendo como foco a análise dos discursos em torno do personagem central do movimento de Belo Monte, Antonio Conselheiro. O objetivo foi realizar um contraponto entre a sua imagem construída pelo olhar do outro e pelo seu próprio olhar, a fim de observar o funcionamento desses discursos, a partir dos *corpora* constituído por três das primeiras notícias acerca do líder conselheirista, veiculadas pelos jornais da época, dois poemas de cordel, escritos pelo euclidense José Aras, e seis das prédicas manuscritas pelo próprio Conselheiro, registradas em dois livros. Neste artigo, especificamente, trataremos das formações imaginárias construídas sobre Antonio Conselheiro nos dois cordéis de José Aras, intitulados “Defendendo Conselheiro” e “Repousa Peregrino”, apoiando-se, principalmente, na noção de Formações Imaginárias, no escopo da Análise de Discurso pecheutiana. As análises apontam que o jogo de imagens presentes nos discursos que insurgem dos cordéis - dos sujeitos entre si, do referente (Antonio Conselheiro) e as condições de produção que constituem esses discursos - incidem no que é dito, como é dito e, por consequência, nos efeitos de sentido que emergem a partir desses dizeres.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. Formações Imaginárias. Antonio Conselheiro. José Aras. Cordéis.

ABSTRACT: This article presents part of the results of a research on the Master's Degree in Linguistic Studies (UEFS), with a bibliographical and documentary character, completed in 2018, focusing on the analysis of the discourses around the central character of the Belo Monte movement, Anthony the Counselor. The objective was to perform a counterpoint between his image built by the other's gaze and his own gaze, in order to observe the functioning of these discourses, from the corpora constituted by the three of the first news about the Counselor leader, conveyed by the newspapers from that time, and two *cordel* poems, written by the Euclidean José Aras, and six of the sermons written by the Counselor himself, recorded in two books. In this article, specifically, we will deal with the imaginary formations built about Anthony the Counselor in the two José Aras' *cordel* poems, entitled "Defending the Counselor" and "Pilgrim's Rest", relying mainly on the notion of Imaginary Formations within the scope of the Pecheutian Discourse Analysis. The analysis points out that the play of images

¹ Este artigo apresenta parte da pesquisa que resultou na dissertação intitulada *Antonio Conselheiro pelo olhar do outro e por ele mesmo: uma análise discursiva da (des)construção de sua imagem*, realizada sob orientação dos professores Carla Luzia Carneiro Borges e Gilberto Nazareno Telles Sobral, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), defendida em 27/02/2018.

² Docente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB - DCHT - Campus XXII.

present in the discourses that emerge from the *cordel* poems - of the subjects themselves, of the referent (Anthony the Counselor) and the conditions of production that constitute these discourses - affects on what is said, as it is said and, consequently, in the sense effects that emerge from these sayings.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Imaginary Formations. Anthony the Counselor. José Aras. Cordel Poems.

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Transcorridos pouco mais de 120 anos da guerra de Canudos, após tantas pesquisas e publicações a respeito, é inevitável questionar-se: haveria algo ainda a ser dito sobre Antonio Conselheiro e o conflito ocorrido no sertão baiano? Há ainda algo a ser pesquisado? É também o que indaga o narrador/personagem do romance *O pêndulo de Euclides*, escrito pelo baiano Aleilton Fonseca, uma das recentes narrativas inspiradas nos fatos em torno de Canudos e Antonio Conselheiro e na figura do próprio Euclides da Cunha:

Mas tudo isso esgota mesmo a história da guerra? Nada mais há além do silêncio? Nada mais ecoa nos campos calcinados da memória que subjazem nas águas? Só nos resta interpretar as marcas do passado? De certa forma, sim. De certa maneira, não. É certo que textos, objetos e documentos falam por si. E as vozes do sertão? O que elas têm a dizer? Lembrei-me da célebre frase do escritor francês André Gide, que nos ensina: “Tudo já está dito; mas, como ninguém escuta, é preciso sempre recomeçar.” (FONSECA, 2009, p. 14).

Concordamos com o protagonista do romance: Canudos não é um tema exaurido. Voltar o olhar para os acontecimentos de mais de um século atrás é relevante e necessário, tanto para se entender a Canudos daquele tempo, os discursos sedimentados em tantos escritos, os quais ainda ecoam nas vozes do presente, quanto para se pensar a Canudos de hoje, assim como o Brasil atual.

A guerra de Canudos não foi o único conflito ocorrido no Brasil daquele final de século. Nem era Antonio Maciel o único peregrino a exercer a prática de andarilho, pregador e profeta no sertão, arrebanhando fieis. Aliás, conforme se lê em autores como Calasans (1997), Aras (2009), era comum existirem beatos, chamados conselheiros, naquela região, em virtude da escassez de padres de que padecia a devoção daqueles

sertanejos. Porém, o movimento liderado por Antonio Conselheiro, como ficou conhecido o peregrino, entrou para a história, em grande medida, pelo fato de ter sido objeto da narrativa de *Os Sertões*, lançada em 1902, que repercutiu nacional e internacionalmente.

É consenso que a imagem do Conselheiro, principal personagem do conflito armado e sobre quem ainda emergem diversas interpretações, foi, por muito tempo, bastante influenciada pela imagem estereotipada, difundida pelos jornais e publicações a seu respeito, a exemplo do clássico de Euclides da Cunha. Foi movida por essa certeza que decidimos analisar a imagem construída acerca do Conselheiro, assim como pelo fato de esta pesquisadora ter nascido na cidade que recebeu o nome do autor de *Os Sertões*, vizinha da também histórica Canudos, portanto, geograficamente no centro do contexto histórico da guerra. Neste sentido, além das notícias dos jornais, as quais funcionavam majoritariamente como a voz que defendia os interesses das autoridades políticas, latifundiárias e religiosas, desde os anos finais do Império, e ainda mais fortemente após a implantação do novo regime republicando, também acreditamos ser importante analisar a imagem do Conselheiro a partir de outros pontos de vista.

É assim que as pesquisas mais recentes relacionadas a Belo Monte buscam dedicar-se a outras vozes, diferentes das que tiveram maior visibilidade, à época, nas quais Antonio Conselheiro foi “pintado com tintas fortes, como desequilibrado e ignorante!” (VASCONCELLOS, 2008, p, 46). A repetição desses dizeres acerca da imagem de Antonio Conselheiro, registradas nas reportagens da cobertura da guerra, e até mesmo no que se escreveu daí em diante, a exemplo da própria narrativa de Euclides da Cunha, assim como em milhares de artigos e livros publicados depois, evidencia o que Bartelt (2009) denomina de “acontecimento discursivo”, arquitetado ao longo de pouco mais de duas décadas, regularmente, pela mídia impressa. Assim, com vistas a observar outro ponto de vista acerca do personagem de Belo Monte, optamos por analisar os cordéis de José Aras, escritos cinquenta anos depois de findada a guerra, em pleno sertão baiano.

Para empreender a análise, apoiamo-nos na perspectiva teórico-analítica da Análise de Discurso francesa (ADF), especificamente as noções de formações imaginárias e de condições de produção do discurso, por possibilitar refletir sobre como o jogo de imagens, dos sujeitos entre si (cordelista e leitores) e do referente do discurso (Conselheiro), incide sobre a forma como se diz, conseqüentemente, produzindo efeitos de sentido diversos.

“EU TE ADMIRO, MÁRTIR!”: AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS SOBRE ANTONIO CONSELHEIRO NOS CORDÉIS

José Soares Ferreira Aras, conhecido como José Aras, nasceu em 28 de julho de 1893 – exatamente o ano em que o Conselheiro e seu séquito se fixavam em Canudos –, na Fazenda Lagoa da Ilha, localizada na então Vila do Cumbe, e faleceu em 1979. Em seus 86 anos de vida, como autodidata, uma vez que frequentou apenas dois meses e meio as aulas de um mestre-escola, tornou-se poeta e cordelista, pesquisador e escritor sobre a guerra de Canudos e sobre a formação da Vila do Cumbe, a qual, por seu intermédio, recebeu o nome de Euclides da Cunha, em homenagem ao escritor de *Os Sertões*. Foi Aras também o criador do hino municipal da cidade, assim como do Museu da Guerra de Canudos, no povoado de Bendegó, também por ele fundado, que hoje pertence ao município de Canudos. Também tinha uma habilidade/profissão que o fez peregrinar pelos sertões adentro: previa com facilidade um veio de água, sua profundidade e a qualidade da água.

Mesmo tendo frequentado tão pouco tempo os “bancos escolares”, José Aras se tornou uma personalidade singular na região e deixou escrita uma vasta obra, indo desde um meticuloso registro histórico-crítico dos costumes da região e da guerra de Canudos, até o lirismo de um poeta envolto pelos ares sertanejos. Cercado, inevitavelmente, pelos resquícios e pelas memórias da destruição de Belo Monte, conviveu com sobreviventes da guerra, assim como com muitos de seus descendentes. Tendo, desde menino, ouvido de seus próprios pais relatos da famigerada guerra, tornou-se um dos principais pesquisadores e escritores sobre o tema.

Dentre as suas principais obras estão *Sangue de Irmãos - Canudos por dentro e No sertão do Conselheiro*, esta última com uma compilação de vários textos do autor e publicada postumamente. Para Calasans, renomado pesquisador do tema Canudos, Aras foi o primeiro a considerar a visão dos sertanejos e registrá-la em versos de cordel, uma vez que se dedicou a coleta de depoimentos de sobreviventes e de descendentes de sobreviventes da famigerada guerra, durante suas viagens sertão adentro na busca por veios d’água, trabalho que desenvolvia com grande exatidão. O próprio Calasans é, também, um dos primeiros a se dedicar a um estudo, não só bibliográfico, mas também *in loco*, de entrevistas com sobreviventes da guerra de Canudos.

Leitor de tudo o que se reportava ao fato ocorrido bem próximo a ele, assim como um estudioso da célebre obra *Os Sertões*, na qual Euclides da Cunha descreve o

sertão, sua gente e o líder do movimento sociorreligioso de Belo Monte sob a ótica do Brasil do litoral, Aras se difere do escritor fluminense por ser ele próprio um sertanejo, cujos pés pisaram o chão castigado pelos períodos de seca, chão de onde, ao mesmo tempo, brotam a força e a esperança. Nas palavras do próprio Aras (2009, p. 9), “É aí, nesse termo de terra seca, onde se encontra o homem mais resistente do Brasil, mesmo, durante anos, desprovido de qualquer assistência social, mal alimentado e sem instrução [...]”.

Uma das obras deixadas por Aras, *Sangue de Irmãos – Canudos por dentro*, é prefaciada por José Calasans, o qual reconhece a enorme contribuição do escritor euclidense para sua pesquisa sobre o tema Canudos. O livro apresenta o olhar do José Aras pesquisador do fato histórico que marcou as suas memórias, fruto da curiosidade instigada por tudo o que leu sobre o tema, mas muito também pelo que ouviu, uma vez que teve a oportunidade, poucas décadas depois de findada a guerra, de ouvir os depoimentos de sobreviventes e de seus descendentes, quando estes não eram ainda muito valorizados, pois se dava mais ênfase ao que já se tinha escrito sobre o fato.

No sertão do Conselheiro, obra organizada e publicada postumamente por seu filho, Roque Aras, encontram-se reunidos vários escritos de autoria de José Aras, que vão desde textos de caráter historiográfico, até os diversos poemas que versam sobre os costumes típicos do sertão, personalidades importantes na trajetória de construção e habitação da região, assim como sobre a flora e a fauna sertanejas. É da obra, inclusive, que extraímos os dois poemas de cordel, nos quais analisaremos o ponto de vista do poeta sertanejo acerca do peregrino Antonio Conselheiro. Antes, porém, de nos ocuparmos da análise discursiva dos cordéis, vejamos o depoimento do próprio José Aras (2009, p. 14) sobre como a figura de Antonio Conselheiro lhe foi apresentada, de formas distintas, ao longo de sua trajetória, nos sertões nordestinos:

Desde criança, desejava eu conhecer sua vida, pois as histórias que ouvia despertavam mais a minha curiosidade. Andei por todas as estradas que o Conselheiro andou e por todos os lugares onde construiu, porque ouvi e vi a guerra, e na minha escola achavam que ele era o anti-Cristo. Recolhi alguns documentos para comprovar a veracidade de alguns pormenores de sua vida. Comecei a ler tudo que se referia àqueles acontecimentos. Era sempre o mesmo: o Conselheiro fanático, impostor, louco, assassino, perturbador ou lunático. Todos os escritores diziam a mesma coisa. Imaginei, então, que eles deviam ter procurado informações nas mesmas fontes, isto é, com os

inimigos da pobreza, ou da Monarquia. É que, ainda jovem, iniciando minhas conversas com os sertanejos incultos e humildes das vizinhanças, ouvia de todos sempre o contrário: o Conselheiro era bondoso, caridoso, “dava bons conselhos” etc.

O depoimento acima revela o quanto as imagens acerca do Conselheiro a que teve acesso José Aras, construídas ao longo dos anos em que peregrinou pelos sertões, orbitavam, predominantemente, em torno das mesmas imagens representadas pela maioria dos jornais que cobriram o movimento belomontense, assim como na literatura, a exemplo do que vemos na reconhecida e estudada obra *Os Sertões*, mas também nos cordéis, paródias e anedotas que se produziam sobre o tema Canudos, na época do conflito.

Apesar de sempre ter existido a voz dissonante desse discurso, isto é, os que viam em Antonio Conselheiro um homem “bondoso, caridoso” e que apenas “dava conselhos”, a imagem de louco, fanático e assassino parece ter tido um peso maior. Isto se deve, em parte, em razão de os fatos terem sido, inicialmente, contados enviezadamente, isto é, apenas pelo ponto de vista do vencedor, que nesse caso era o poder instituído, a República, e propagada pelos jornais – mídia de massa – e pela literatura canônica.

Ao refletir sobre os processos de significação e as condições sócio-históricas da produção do discurso, a AD compreende-o como efeitos de sentido produzidos na relação entre sujeitos e sua exterioridade. E ao considerar os processos e as condições de produção desses discursos, afirma que os sentidos não estão no ou por trás de um texto. Seu objetivo é, portanto, compreender como eles (os discursos) funcionam, por que funcionam de determinada forma e não de outra e como emergem os sentidos a partir desse funcionamento. Dessa maneira, com a finalidade de compreender como funciona o discurso e não simplesmente interpretá-lo, não tirar dele um sentido, mas atribuir-lhe sentidos, a AD estabelece-se não como uma teoria descritiva, nem explicativa, mas como uma teoria crítica que trata dos sentidos condicionados a questões históricas e sociais.

Para Pêcheux (1990), entre os diferentes elementos estruturais que compõem as condições de produção de um discurso, estão as formações imaginárias. Segundo essa noção, o que funciona no processo discursivo é uma série de imagens que designam os lugares que os protagonistas do discurso (A e B) se atribuem mutuamente, assim como

do seu referente, isto é, sobre o que ou quem se fala. Uma vez que essas relações imaginárias, que representam a posição dos protagonistas no processo discursivo, intervêm diretamente nas condições de produção do discurso, ocorre o que autor denomina de antecipação daquele que enuncia em relação ao seu interlocutor, fundamentando, assim, a partir dessa antecipação, sua estratégia discursiva.

Conforme Pêcheux & Fuchs (1990), a constituição do sujeito do discurso se dá pela sua identificação com a formação discursiva que o interpela. Desse modo, não é o sujeito físico nem o lugar empírico que funcionam no discurso. Assim sendo, reiteramos que nossa análise considera não o sujeito empírico José Aras, mas a posição-sujeito-cordelista, que, ao ocupar um determinado lugar discursivo, assume uma posição-sujeito divergente da posição-sujeito dos jornais, por exemplo.

Uma vez que é interpelado por uma outra formação discursiva, a partir de condições de produção específicas, ou seja, a partir de um determinado lugar social, inscrito na história, o sujeito cordelista manifesta sua posição ideológica, apresentando nos cordéis uma imagem diferente acerca do Conselheiro. Em se tratando, nesse caso, de dois poemas de cordel, partimos da premissa de que “num texto literário há a materialização de um discurso que, embora se apresente de forma representada, pode remeter-se às relações concretas do meio social” (SANTANA NETO, 2013, 50). Assim sendo, o indivíduo que escreve os cordéis exerce a função-autor, interpelado pela ideologia e assujeitado à língua e à história, filiando-se a uma formação discursiva.

Sobre isto, Orlandi (2002) explicita que, uma vez que o discurso não é transparente e o sujeito é disperso e opaco, é na função-autor – mais afetada pelos procedimentos de interdição e de coerção da sociedade – que o texto deve ganhar coerência e unidade e seu autor deve ser visível. O sujeito do discurso assume, assim, o lugar de autor quando seus dizeres são estruturados sobre os princípios organizadores de produção da escrita, controlando o que dizer, o modo de dizer e imprimindo suas marcas de acordo com as circunstâncias dadas. A autoria, desse modo, deixa de ter sentido restrito à ideia de posse ou propriedade do que é dito ou escrito e passa a ser entendida como procedimento de produção do discurso.

Destarte, tem-se aqui a ideia de autor não somente como um ser social, um indivíduo que fala ou escreve um texto, mas como uma instância discursiva, um sujeito materializado no e por meio do discurso. O procedimento de autoria pressupõe, então, as formas de atuação desse discurso em contextos diferenciados, em função do lugar que o sujeito ocupa ou da formação discursiva a que se filia. Logo, a constituição do

sujeito do discurso, compreendido como procedimento de autoria, tem sua fundação na formação discursiva a que pertence e está submetida às regras de condição de produção desse discurso.

Dizemos isso porque, considerando-se o lugar do qual fala o cordelista – sertanejo, nascido no entorno da guerra de Canudos, o qual vivenciou realidade semelhante a de muitos conselheiristas –, pode-se dizer que ele é interpelado por formações discursivas divergentes daquelas assumidas pelos discursos que projetam uma imagem negativa do Conselheiro, ocupando, portanto, uma posição-sujeito diferente.

Isto se observa já nos títulos dos dois poemas de cordel, “Defendendo Conselheiro” e “Repousa peregrino”, os quais já manifestam a filiação ideológica do sujeito cordelista que se dá, conforme Pêcheux (1990), a partir das formações imaginárias dos sujeitos envolvidos nesse processo discursivo: o sujeito-autor e os sujeitos-leitores dos cordéis, assim como do referente, sobre quem se fala, neste caso, Antonio Conselheiro.

Vejamos, a seguir, o cordel “Defendendo Conselheiro” (ARAS, 2003, p. 142):

Amargaste os lábios, na peregrina terra
Abandonaste a pátria, não sonhaste a guerra
Teosofista quiseste sem compor a liça
Marchar seguido pelos filhos das pelejas,
Aconselhando, pregando e construindo igrejas
Consolidando a fé e lutando por justiça.

Nos campos maninhos e várzeas ressequidas
Consolavas e alegravas fieis nas suas vidas
O nome de Jesus lembrando sem cessar
Como apóstolo, ergueste templos, cemitérios
Sem poder ninguém penetrar nesses mistérios
Que, no futuro, talvez possam desvendar.

Depois de peregrinar pelo sertão baiano
Atravessaste o fértil solo sergipano
E naquele estado fizeste a tua história
Suportando a fome e sede, pesado teste,
Entre os cactos e as pedras do nordeste agreste,
Porém foi em Canudos que alcançaste a tua glória.

Herói ou tresloucado da terra de Iracema,
Resolveste escrever neste sertão o teu poema.
Eu te admiro, mártir! Que importam tuas loucuras?
Não foste covarde. Abraçaste o fanatismo?
Teu ideal era libertar teu povo do abismo
Tua palavra era consolo para as criaturas.

Em romarias, os sertanejos pela estrada,
Impelidos pela crença em nova cruzada
E alheios a menoscabos das magistraturas
Iam te seguindo na edificação dos templos
E tu próprio ofereceste o melhor empenho
Mesmo suportando humilhações e amarguras.

Cresce teu vulto; além, espalha-se a tua fama,
Congregada, a plebe apoia e empolgada clama
Em ti ela encontra compreensão, paz e alívio
Viveste a pedir, dando amor e caridade,
Ensinaste a confiar em Deus e ter piedade
Mas, a resposta das elites foi teu martírio.

Observemos, então, $I_A(A)$ (PÊCHEUX, 1990, p. 81), isto é, a imagem do lugar do sujeito cordelista para si mesmo, a qual lhe permite falar em defesa do Conselheiro. Observa-se, nos cordéis, a imagem de um sujeito discursivo que comunga dos mesmos ideais do sertanejo fundador do arraial belomontense, imagem expressa claramente no verso “Eu te admiro, mártir! Que importam suas loucuras?”. Levantando questionamentos, o sujeito cordelista, na quarta estrofe do cordel, mostra que o ponto de vista pelo qual retrata o personagem de Belo Monte é o de um sujeito que se identifica com a luta dos conselheiristas e, ao mesmo tempo, desidentifica-se com os “já-ditos” presentes nas fontes a que já tivera acesso ao longo de sua vida, que os qualificam como fanáticos e subversivos. E é retomando esses já ditos e assumindo uma posição-sujeito divergente que o sujeito cordelista apresenta a imagem do Conselheiro como herói, corajoso, desapegado dos bens materiais e bondoso, disposto a lutar pela justiça em favor de seus pares.

Ainda que de forma breve, empreendamos, na sequência, uma análise no sentido de identificar $I_A(B)$, isto é, a imagem do lugar dos interlocutores (leitores e/ou ouvintes)

dos cordéis para o sujeito cordelista, ou ainda, nas palavras de Pêcheux (1990), “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”, posto que essa representação imaginária também é decisiva na construção do discurso. José Aras, ao escrever sobre o sertão e a guerra de Canudos, como já dissemos, o fez a partir de uma determinada posição social. No jogo de imagens de que trata Pêcheux (1990), esse lugar projeta imagens dos sujeitos envolvidos no processo discursivo. Assim, podemos afirmar que o cordelista escreve, a princípio, para os que lhe são próximos e que comungam dos mesmos valores e, muito provavelmente, com pontos de vista semelhantes acerca do Conselheiro.

Do mesmo modo, conforme as antecipações que todo sujeito enunciator faz ao produzir seu dizer, dizemos que o sujeito discursivo enuncia também para aqueles que não necessariamente veem o líder religioso sob o mesmo prisma. Podemos inferir isso uma vez que o cordelista retoma a imagem que já se tem “pré-estabelecida” acerca dos fatos ocorridos em Canudos para, a partir deles, dizer o que diz. Nesse sentido, mesmo que inconscientemente, o sujeito discursivo constrói uma imagem do seu interlocutor também como alguém que sempre ouviu/leu sobre Antonio Conselheiro como um “tresloucado” e “fanático”. Em vista disso, o enunciator parte desse discurso pré-existente para expor seu ponto de vista divergente acerca do líder religioso de Canudos.

Passemos, agora, a uma análise da imagem do lugar de Antonio Conselheiro pelo viés do sujeito cordelista, ou seja, conforme denomina Pêcheux (1990, p. 83), $I_A(R)$ – a imagem que se tem do referente, a qual é fundamental no processo de construção do discurso. Retomemos, aqui, o que propõe o filósofo francês, ao tratar do objeto do discurso, o referente, isto é, do qual se fala/escreve. Para o autor, trata-se de um “objeto imaginário” e não da realidade física propriamente dita, ou seja, trata-se do ponto de vista do sujeito discursivo.

Para o sujeito cordelista, o Conselheiro é “herói”, “mártir”, um homem que tinha como propósito “libertar o povo do abismo”, um “apóstolo”, cuja missão era levar palavras de consolo para os sertanejos que o seguiam e que, assim como ele, eram “filhos das pelejas”, vítimas das agruras e intempéries dos “campos maninhos e das várzeas ressequidas”, além de esquecidos pelos seus governantes, nas palavras do poeta, “alheios a menoscabos dos magistrados”. Nota-se que a imagem de Antonio Conselheiro para esse sujeito não diz respeito apenas a de um homem religioso, cuja missão era aconselhar e consolar os fiéis. Nos cordéis, o sujeito cordelista também faz erigir do Conselheiro uma imagem de líder que conhecia os sofrimentos dos que o

seguiam, de um homem que lutava por justiça social em prol dos seus pares, que gritava contra os descasos das autoridades, indo de encontro aos interesses da elite.

Como o propósito, numa análise discursiva, é ultrapassar a superfície linguística, ou seja, o que está dito, em busca do que ali não está dito explicitamente, mas que significa, devemos, fundamentalmente, considerar os aspectos exteriores ao texto, como já salientamos anteriormente. Nesse sentido, tendo-se em mente que a noção de sujeito, na perspectiva pecheutiana, considera o sócio-histórico e o ideológico como elementos constitutivos desse sujeito, é o lugar que este ocupa na sociedade que determina o seu dizer. A imagem que o sujeito cordelista projeta do lugar do qual enuncia é a de quem, semelhante ao Conselheiro que vivenciava as mesmas agruras daqueles que o seguiam, comunga dos mesmos ideais e, portanto, também se indigna com os descasos dos governantes.

Desse modo, observamos que, interpelado pela formação ideológica de crítica à política vigente e filiado a uma formação discursiva de quem enxerga em Belo Monte um exemplo de luta por justiça, o sujeito discursivo, ao fazer referência às ações do líder conselheirista, delinea a imagem de um homem que tinha por ideal libertar seu povo oprimido pelos coronéis e governantes. Para o sujeito do discurso, portanto, a “loucura” a ele conferida por anos representava nada mais nada menos que um sinal de sua extrema coragem. Consideremos, neste momento, os versos do segundo cordel, “Repousa peregrino” (ARAS, 2003, p. 151):

Dorme Conselheiro, no solo calcinado de Canudos,
As águas de Cocorobó virão cobrindo tudo,
Morreste tal e qual o Frei Caneca, ao badalar do sino,
Mistério, crença e doação, serão registrados na tua glória,
Pois “Canudos não foi vencido”, como conta nossa história,
E pelos oprimidos serás reconhecido no teu hino.

Tu sucumbiste como visionário, fiel à ideologia.
Disse alhures o poeta, que a ideia que mata o homem ou o asfixia
Pode ser mais tarde acolhida, santa, gigantesca e nobre.
Tua missão foi profunda como teu livro, mas muito breve,
Sofrendo com teu povo chegaste ao fim de espírito leve,
Redimindo o devoto, e o injustiçado e o sertanejo pobre.

Teus restos mortais estão a repousar no ressequido solo
Depositados na caatinga agreste que o envolveu no colo
Que mesmo causticante dá a semente, a vida e o doce fruto.
A tua revolta e a tua crença tremularão por sobre as ondas
Teus irmãos que vivem sem terra e sem justiça, farão rondas
Libertando este nordeste da opressão e de um passado bruto.

Imortalizado ficará Canudos – o Belo Monte,
Mesmo sepultado pelas águas do açude, a grande fonte,
Seu baluarte será coberto, mas será reescrita a história
Do crente resoluto, desprendido, manso e revoltado.
A bravura do jagunço se igualou à fúria do soldado
E será em futuro registrada nos bronzes da memória.

Repousas sob a água desse mar, Peregrino, o sono eterno
Dos justos que povoaram o passado e surgem no moderno
No solo que o acolheu bem longe de seu Quixeramobim.
Ao mirar este mar e olhar no firmamento cada estrela,
Cremos enxergar um inocente brilhando na centelha
Ainda sem entender a velha história de Abel e Caim.

Aqui, o sujeito cordelista trata especificamente não dos fatos históricos relacionados à vida do Conselheiro, nem da sua trajetória frente ao arraial de Belo Monte, como vimos no cordel “Defendendo o Conselheiro”, mas da imagem que ficará por herança após sua morte, da história que será contada. Para o cordelista, a visão negativa do peregrino de Belo Monte difundida pelos “vencedores” sucumbirá à glória que sua imagem alcançará. Vejamos as condições de produção, no sentido estrito, em que se dá esse discurso.

O cordel “Repousa Peregrino” é datado de 1950, ano em que se iniciam as obras do açude de Cocorobó, famoso por encobrir com suas águas os escombros da primeira Canudos, construída por Conselheiro e seu séquito e destruída pelo fogo republicado, em 1897, assim como as casas do vilarejo – a segunda Canudos – que se formaram em volta, após o fim da guerra. Nos versos, o cordelista parece maldizer a construção do açude, mas, ao mesmo tempo, reafirma: “Imortalizado ficará Canudos – o Belo Monte, / Mesmo sepultado pelas águas do açude, a grande fonte” (ARAS, 2003, p. 151).

Dois excertos do poema apontam que a imagem de Antonio Conselheiro será reescrita, conforme assinala o verso “Seu baluarte será coberto, mas será reescrita a

história”. Um pouco antes, faz referência à história já contada, cuja versão é dada pelos “vencedores”. Para o cordelista, “Canudos não foi vencido”, pois, ainda que tenha sido destruída, sua história será recontada e imortalizada.

Na segunda estrofe do poema, Conselheiro é descrito como um visionário que morreu “fiel à sua ideologia”, a qual, segundo o cordelista, visava redimir o devoto, o injustiçado e o sertanejo pobre. Observamos, dessa maneira, que, da mesma forma que no cordel anteriormente analisado, o sujeito discursivo é filiado à formação ideológica de quem fala de um lugar de sertanejo politizado, ou seja, que anseia por dias melhores para sua terra e, portanto, reivindica justiça para seu povo. Essa posição é reforçada ao afirmar que a luta do passado – ocorrida no final do século XIX em Belo Monte – perpetua-se no presente, como se lê nos versos seguintes: “Teus irmãos que vivem sem terra e sem justiça farão rondas, libertando esse nordeste da opressão e de um passado bruto”.

Mais adiante, o poeta adjetiva Conselheiro como “crente resoluto, desprendido, manso e revoltado”, o que parece ser paradoxal, a princípio. No entanto, parece esboçar a imagem de um homem manso, como a qualidade daquele que é bondoso, calmo, sereno, mas que também é revoltado – qualidade daquele que é rebelde, insubordinado às leis – isto é, um Conselheiro que se não submetia ao regime que vigorava e que, para ele, oprimia o povo. Nesse sentido, subentende-se que, para o sujeito cordelista, Conselheiro era manso para aqueles que comungavam de seus ideais, que escutavam seus conselhos, porém, revoltado com aqueles que o perseguiam e o tinham por louco e fanático e, especialmente, com o novo regime instalado que ia de encontro aos seus preceitos religiosos e havia tirado da Igreja a autoridade de escolher quem devia reger o país.

Na análise empreendida, constata-se a presença dos já-ditos acerca do Conselheiro, mas que, ao serem retomados pelo sujeito cordelista, são ressignificados, o que ocorre por meio do que Orlandi (2002) define como processo polissêmico no discurso. Ao mesmo tempo em que o cordel reitera a imagem do líder de Belo Monte construída pela mídia jornalística, subverte-a completamente, uma vez que assume outra posição do dizer, isto é, filia-se a uma outra Formação Ideológica. Isso não se dá explicitamente, e sim pelo que não é dito, mas significa ali, como se observa, por exemplo, no trecho “Cremos enxergar um inocente brilhando na centelha/Ainda sem entender a velha história de Abel e Caim” –, o qual faz alusão à imagem de criminoso erigida por décadas pelos jornais e pela literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, pequeno recorte de nossa pesquisa de mestrado, buscamos evidenciar a imagem de Antonio Conselheiro, líder do Movimento de Belo Monte, que atraiu os olhares de toda a nação, em fins do século XIX. Como menciona o poeta cordelista, nos últimos versos do cordel “Repousa peregrino”, tudo se assemelhava à “velha história de Abel e Caim” (ARAS, 2003, p. 151), uma guerra entre irmãos, na qual morreram muitos brasileiros dos dois lados: soldados e conselheiristas. Todavia, por muito tempo, a história contada sob o ponto de vista dos vencedores apresentava estes como bandidos e degenerados e aqueles como heróis da nação. Por uns, visto como um beato, um profeta do sertão; por outros, considerado um subversivo, tresloucado e mal intencionado. Este último retrato vigorou por muito tempo, uma vez que as vozes dissonantes deste discurso não tiveram, naquele contexto, visibilidade.

Nesse sentido, a escolha por analisar os cordéis de José Aras, nos quais a imagem do Conselheiro é diferente do que se propagou, não foi por acaso. Quando tomamos para análise os cordéis “Defendendo o Conselheiro” e “Repousa Peregrino”, observamos que o cordelista enuncia a partir de uma outra posição ideológica, apontada já em seus títulos, subjetivando-se, assim, em sujeito do discurso a partir de outra formação ideológica. No jogo discursivo, portanto, as representações imaginárias do lugar de si – cordelista sertanejo que ouvia relatos dos descendentes de conselheiristas – e do lugar do outro – sertanejos e simpatizantes da causa de Belo Monte – permitem projetar uma outra imagem de Antonio Conselheiro. E não é somente a imagem que o sujeito cordelista tem do seu lugar no jogo discurso que importa, mas também e, principalmente, as formações ideológica e discursiva às quais se filia, determinando o que pode e deve ser dito.

Assim, enquanto a maioria das notícias veiculadas pelos jornais contemporâneos ao Movimento de Belo Monte projeta uma imagem negativa do Conselheiro, os cordéis constroem uma imagem completamente diversa. Segundo o ponto de vista do sujeito cordelista, Conselheiro é um apóstolo, enviado de Deus para libertar o povo sertanejo, que consolava e alegrava os fiéis que o seguiam, cuja palavra era consolo para os oprimidos, pois conhecia o sofrimento dos que o seguiam. No cordel “Repousa Peregrino”, o sujeito cordelista enfatiza que o tempo se encarregará de reescrever a sua história. Nestes dizeres estão também os não-ditos, retomados ali: tudo o que, até então, havia sido propagado acerca do beato, conforme a história oficial registrava à época,

seria revisto. O cordelista, ao partir de uma imagem que já se tinha do Conselheiro, erigida pela mídia impressa e pela literatura até então, apresenta uma outra imagem deste como libertador dos oprimidos, herói, mártir, justo e inocente, a qual deverá ser imortalizada. Assim sendo, observa-se que esses dizeres funcionam discursivamente como que para “desconstruir” uma imagem para “construir” uma outra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAS, José [1953]. Sangue de irmãos. ARAS, Roque; MACEDO, Adalgisa Nady Aras (Org.). 2. ed. Revisada. Feira de Santana: EMGRAF, 2009.

ARAS, José. No sertão do Conselheiro. Salvador, Contexto e Arte, 2003.

BARTELT, Dawid Danilo. Sertão, República e Nação. Tradução: Johannes Krestschmer; Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

CALASANS, José. Cartografia de Canudos. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo EGBA. 1997.

CUNHA, Euclides da. Os sertões. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FONSECA, Aleiton. O pêndulo de Euclides. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise de discurso: Princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F. HAK, T. (Org.). Por uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990, p. 61 - 161.

PÊCHEUX, Michel. FUCHS, Catherine. A Propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas. In: GADET, F. HAK, T. (Org.). Por uma Análise

Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990, p. 163- 252.

SANTANA NETO, João Antonio de. A cidade do Salvador e o romance histórico. In: Salvador em discurso: estudos discursivos. SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; SANTANA NETO, João Antonio de (Org.). Feira de Santana, BA: UEFS Editora, 2013.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. Antonio Conselheiro, autor. Revista Outros Sertões: Bahia, 2008, v. 1, n. 2, p. 45-61, Dez. 2008.